

Isabella Batalha Muniz Barbosa

É arquiteta urbanista e doutora em Paisagem e Ambiente

/// Apesar dos avanços, a trajetória de construção de uma nova visão social integradora e de respeito às relações cotidianas ainda paira no discurso

Viva a diferença!

Ao me deparar com a leitura da crônica “Nosso estranho amor” publicada na “Folha de S.Paulo”, o autor ressalta sua condição de cadeirante e conduz o texto pelo viés autobiográfico ao argumentar que viver com uma diferença, seja ela qual for, impõe um desafio diário tanto no sentido de ser melhor compreendido como também reconhecido por meio de seus valores, e não apenas pela aparência ou supostas inabilidades.

Em seu relato demonstra certa indignação quando, em diversas situações, aquela formosa mulher que estava sempre ao seu lado poderia se passar por qualquer laço de parentesco ou de relações, menos pela condição de esposa. Essa constatação do autor é grave e remete à perda de valores de nossa sociedade quando a estética ultrapassa e alcança a posição de linha de frente em detrimento da Ética.

De imediato, a referida crônica aguça o repertório de vivências com uma série de experiências emblemáticas que refletem esse paradigma. Constantemente deparamos com olhares distorcidos de questões relativas à raça, credo e a estética do corpo. Diante de situações corriqueiras e esdrúxulas que causam constrangimentos recorrentes, constata-se que sociedade contemporânea é ainda permeada por conflitos

que ultrapassam os limites do tolerável em detrimento de valores e princípios éticos.

As “vítimas” convivem com certa polidez com o ônus das interpretações ligeiras e equivocadas. O espaço privado é constantemente afetado por resquícios de uma racionalidade historicamente construída no universo da vida pública em exercício da soberania de outrora. Nesse sentido, a investigação antropológica ou mesmo os clássicos da literatura brasileira nos auxiliam a compreender esses desvios da modernidade nas relações sociais.

No Brasil, a matriz desses gestos encontra-se como eco da dominação europeia e do período escravagista, onde as falas e os gestos se pautavam no rigor mais severo, no apelo à arbitrariedade e não raro em exhibições de crueldade. Muito dos desajustes das relações cotidianas são herança de processos e do domínio da colonização, onde a construção da identidade cultural teve por base as relações de hierarquia e de poder.

Apesar dos avanços científicos da sociedade moderna globalizada, a trajetória de construção de uma nova visão social integradora e de respeito às relações cotidianas ainda paira no discurso e no fragmentário. Duro é ter paciência com estes resquícios, por vezes sutis, outras vezes explícitos, uma inversão de valores que fere e maltrata a intimidade subjetiva. Devemos perseverar na Ética como princípio e privilegiar a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural relacionadas à construção dos interesses de identidade de grupos diversos.